

Reunião do CO aprovou modelo do Centro Educação Profissional da Unesp. Membros do Chapão pediram ampliação do debate

No dia 13 de dezembro, durante a última reunião do CO em 2007, um dos pontos de pauta gerou bastante polêmica. Trata-se da proposta de implantação do Centro Educação Profissional da Unesp, baseado em estruturas curriculares flexíveis e obtenção de qualificações intermediárias (processo denominado de verticalização do ensino superior profissionalizante).

Após muita discussão, acabou ocorrendo a aprovação do modelo apresentado pela Comissão instituída pelo Conselho Universitário, com 12 votos contrários e quatro abstenções. Dos 12 votos contrários, nove foram de conselheiros eleitos pelo Chapão. Eles haviam solicitado a retirada de pauta para que a proposta fosse levada

para conhecimento e discussão com a comunidade. Como isso não ocorreu, decidiram votar contrariamente à aprovação do modelo apresentado pela Comissão.

Segundo a fala do reitor da Unesp, professor Macari, os conselheiros eleitos pela comunidade têm autonomia para decidir por ela. Porém, os conselheiros eleitos pelo Chapão argumentaram que têm compromisso com a comunidade e que uma proposta desta magnitude, que se refere à criação de uma nova unidade e de um novo padrão de ensino, requer cautela, principalmente quando envolve a participação e o compromisso de outros parceiros (prefeitura de SP e governo de Estado), haja vista o histórico recente de uma expansão política que só aumentou

os problemas orçamentários da Unesp.

Recém-empossada como representante da comunidade externa junto ao CO, a diretora do Sindicato dos Trabalhadores do Centro Paula Souza (Sinteps), Sílvia Elena de Lima, deu um depoimento durante a reunião que aprovou o projeto. “Nos últimos anos, o governo tem promovido uma grande ampliação de escolas técnicas e faculdades de tecnologia no âmbito do Centro Paula Souza, com fins claramente eleitoreiros e sem garantia de verbas”, lembrou. Ela questionou se o mesmo não estaria ocorrendo agora com esse novo centro na Unesp. “Como o Centro Paula Souza é uma autarquia vinculada à Unesp, para quê criar uma outra com as mesmas finalidades”, indagou.

“Minha mais profunda convicção é que as respostas aos problemas educacionais da sociedade cubana, cujo nível médio de educação hoje equivale ao 12º grau, com quase 1 milhão de diplomados universitários e possibilidade real de estudo para os cidadãos, sem discriminação alguma, requerem mais variantes de resposta para cada problema concreto do que aquelas que um tabuleiro de xadrez oferece.... não se trata de um caminho fácil, se desejamos que a inteligência do ser humano na sociedade revolucionária prevaleça sobre os seus instintos”.

A frase é de Fidel Castro, líder da histórica Revolução Cubana

(1959), que acaba de renunciar ao governo daquele país. Junto com Che Guevara (foto) e outros revolucionários, derrubou a ditadura pró-imperialista de Fulgêncio



Batista, instituindo o que seria o primeiro Estado socialista da América Latina, hoje extremamente atacado pelo imperialismo norte-americano.

Todo apoio aos trabalhadores das ETE's e FATEC's

Greve está marcada para 1º de março

Os servidores e docentes das Escolas Técnicas (ETE's) e Faculdades de Tecnologia (FATEC's), que integram o Centro Paula Souza, têm greve marcada a partir de 1º de março.

Nos últimos anos, o governo tucano vem promovendo uma expansão acelerada no Centro. A exemplo do que já ocorreu na Unesp, trata-se de uma iniciativa eleitoreira, sem nenhuma garantia de recursos permanentes. Atualmente, são 138 ETE's e 39 FATEC's, espalhadas por cerca de 120 cidades. Entre servidores e docentes, a categoria soma perto de 10 mil trabalhadores.

O Sinteps, sindicato destes trabalhadores, faz parte do Fórum das Seis, uma vez que o Centro é vinculado à Unesp. A data-base da categoria é 1º de março. Para se ter uma idéia do arrocho salarial nas ETE's e FATEC's, se a reivindicação de 65% fosse integralmente atendida, a hora aula iria para R\$ 10,05 nas ETE's e R\$ 13,37 nas FATEC's. O piso dos servidores iria para R\$ 563,41.



Em 2004, eles protagonizaram um grande movimento

Lançamento

A greve será lançada em ato público no dia 29/2, 14 horas, em frente ao Centro Paula Souza (ao lado da Estação Tiradentes do Metrô, em SP). O Sintunesp enviará representantes em apoio ao movimento.

Em defesa dos serviços públicos

Entidades fazem ato unificado no dia 29/2

A Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas) está reforçando a convocação, em conjunto com outras entidades do funcionalismo estadual, para o ato marcado para 29/2 (cartaz abaixo). Os eixos são: **NÃO À PRIVATIZAÇÃO E À TERCEIRIZAÇÃO! MELHORES CONDIÇÕES DE SALÁRIO E TRABALHO! MAIS VERBAS PARA O SERVIÇO PÚBLICO! CONTRATAÇÃO DE SERVIDORES POR CONCURSO PÚBLICO!**



Artigo

Jornada de trabalho na área da saúde do HC... um velho e atual debate

Por Luiz Carlos de Freitas Melo *

A situação atual do nosso hospital é tão seria que não podemos olhar apenas para a questão da jornada de trabalho do seu quadro de servidores de forma isolada. Os problemas são muitos. No entanto, esse fato merece total atenção, posto que a administração, ao procurar resolver o problema de escala de serviços implantando a jornada de seis horas, trocou seis por meia dúzia. Na verdade, esses servidores continuam cumprindo uma carga de 40 horas semanais.

Quando a jornada de seis horas foi implantada, muitos servidores reclamaram e chegaram, inclusive, a montar um grupo para organizar a luta, com o apoio do Sintunesp e ASU, pelo fim das seis horas. Porém, foi-lhes dito que as seis horas valeriam somente por um período de experiência, o que acabou não acontecendo.

Juntamente com uma comissão de greve, o Sintunesp já chegou a negociar com a Diretoria de Enfermagem a volta das 12 horas, o que não foi aceito na ocasião.

A cobrança do Sintunesp junto à reitoria é constante. Como a administração afirma que a jornada de 30 horas é ilegal, o Sindicato chegou a propor a adoção da jornada de 36 horas, mas nada foi definido até o momento.

Mas, como dissemos, o problema não se resume à jornada.

O nosso hospital cresceu e continua crescendo muito, porém, a contratação e a reposição do quadro de servidores não têm acompanhado esse ritmo. Como já denunciávamos várias vezes, inclusive no jornal da entidade, isso causa fadiga, estresse e até depressão em muitos funcionários do HC. Deve-se considerar também que a falta de funcionários, somada aos baixos salários, leva os trabalhadores a fazer horas extras como forma de completar a renda. Para o empregador, isso é um grande negócio, pois fica livre de qualquer encargo trabalhista.

Naturalmente, nossos companheiros do HC sabem de todos esses problemas de cor e salteado. O que talvez muitos não saibam é que eles serão resolvidos somente com a união e a luta conjunta. Porque ninguém é mais forte do que todos nós juntos!

* Luiz Carlos de Freitas Melo é servidor no campus de Botucatu e Coordenador Político suplente do Sintunesp